

Cenário Econômico

Março de 2026

Luiz Fernando Araújo, CFA

Alexandre Brito, CFP, CGA

FINACAP
INVESTIMENTOS

1

Cenário Econômico

Internacional

No cenário internacional, março foi marcado por uma mudança relevante no ambiente macroeconômico global, com o aumento significativo das tensões geopolíticas no Oriente Médio. O conflito envolvendo Estados Unidos e Irã, com impactos diretos sobre o fluxo de petróleo na região, gerou um choque expressivo de oferta de energia, elevando os preços da commodity e trazendo novas pressões inflacionárias para a economia global. Esse cenário resultou em maior aversão a risco, abertura das curvas de juros e piora no desempenho dos ativos de risco ao redor do mundo.

Nos EUA, a economia segue apresentando crescimento resiliente, sustentado principalmente pela demanda doméstica e por um mercado de trabalho ainda sólido. Apesar disso, os dados mais recentes indicaram alguma moderação na margem, como observado na surpresa negativa do payroll de fevereiro, ainda que fatores pontuais tenham influenciado o resultado. A taxa de desemprego permanece próxima de níveis compatíveis com o pleno emprego, reforçando a leitura de um mercado de trabalho equilibrado.

No campo inflacionário, o cenário se tornou mais desafiador. A alta expressiva do petróleo ao longo do mês adiciona pressão sobre os índices de preços, que já apresentavam certa rigidez, especialmente nos núcleos. Com isso, houve revisão altista das expectativas de inflação no curto prazo, com riscos de efeitos secundários ao longo da cadeia produtiva.

Diante desse contexto, o Federal Reserve manteve a taxa de juros inalterada no intervalo de 3,50% a 3,75% na reunião de março,

adotando uma postura mais cautelosa. A combinação de inflação mais pressionada e incertezas elevadas levou o mercado a revisar as expectativas para a política monetária, com alguns analistas precificando manutenção do patamar atual de juros para o ano de 2026, em contraste com a expectativa nos meses anteriores de cortes.

Nesse sentido, os mercados de renda fixa registraram abertura das curvas, refletindo a reprecificação do cenário inflacionário e de política monetária. Dessa forma, o título do tesouro americano (T-Bond) de 10 anos encerrou o mês de março negociando a taxa de 4,30%, uma abertura em comparação com o patamar de 3,97% no final de fevereiro/2026.

Além disso, cresce a preocupação com o mercado de crédito privado nos Estados Unidos. Após anos de forte expansão, esse segmento passou a concentrar empresas mais alavancadas e com maior risco, muitas delas fora do sistema bancário tradicional. Com os juros em níveis elevados por mais tempo, o custo de financiamento aumentou de forma relevante, pressionando a capacidade de pagamento dessas companhias.

Nesse sentido, já começam a surgir sinais de deterioração, como aumento da inadimplência, maior volume de reestruturações de dívida e uso mais frequente de renegociações para evitar eventos de crédito. Esse movimento tende a postergar o reconhecimento de perdas, mas também indica um ambiente financeiro mais frágil.

Dessa forma, dado o peso crescente desse mercado no financiamento das empresas, uma piora mais significativa pode levar a um aperto nas condições financeiras, com menor oferta de crédito e impacto negativo sobre investimentos e atividade. Em um cenário mais adverso, esse canal pode amplificar os efeitos da política monetária restritiva,

contribuindo para uma desaceleração mais intensa da economia americana.

Na Zona do Euro, o cenário se deteriorou em março, especialmente pela forte alta do petróleo. Devido à forte dependência de energia importada, esse movimento aumenta os custos das empresas e reduz o poder de compra das famílias, o que tende a desacelerar a economia e, ao mesmo tempo, pressionar a inflação. Alguns indicadores de confiança já começaram a refletir esse cenário, especialmente no setor de serviços, além do aumento dos custos de produção, que nem sempre têm sido repassados aos preços finais, pressionando as margens das empresas. Diante disso, o Banco Central Europeu manteve os juros estáveis, mas com um tom mais cauteloso, e o mercado passou a considerar a possibilidade de novas altas caso as pressões inflacionárias persistam.

Na China, os dados mais recentes indicaram um início de ano melhor do que o esperado. A produção industrial cresceu em ritmo mais forte, impulsionada principalmente pelas exportações, enquanto o setor de serviços também mostrou bom desempenho.

O consumo, medido pelas vendas no varejo, apresentou melhora, ajudado por incentivos do governo para estimular a demanda. Apesar disso, nem todos os setores seguem positivos. O mercado imobiliário continua sendo o principal ponto de preocupação, ainda em processo de ajuste após os excessos dos últimos anos.

Além disso, o cenário externo mais incerto (especialmente com a alta do petróleo e o risco de desaceleração global) pode afetar a demanda por produtos chineses à frente. Assim, embora o início do ano tenha sido positivo, há dúvidas sobre a sustentabilidade desse ritmo de crescimento, o que pode levar o governo chinês a adotar novos estímulos ao longo dos próximos meses.

Em relação ao desempenho dos mercados, a bolsa americana segue negociando a patamares de valuation esticados, com um P/L (preço/lucro) do S&P 500 em 19,1x, de acordo com dados do BTG Pactual.

O aumento da aversão a risco se refletiu em desempenho negativo das principais bolsas globais no mês. O S&P 500 apresentou queda de 5,09% no mês, e acumula depreciação de 4,63% no ano. O índice Nasdaq teve queda de 4,75% no mês, e acumulou depreciação de 7,11% no ano.

O Shanghai Composite, índice do mercado de ações chinês, apresentou queda de 6,51% no mês, e acumulou desvalorização de 1,94% no ano.

No câmbio, o Real se desvalorizou frente ao Dólar na ordem de 1,36%, encerrando a cotação em R\$ 5,2194/US\$. No ano, a moeda brasileira apresentou apreciação de 5,14%.

Por fim, o dólar se apreciou frente às moedas de países desenvolvidos, com uma alta de 2,41% no índice DXY no mês. No ano, o índice acumulou valorização de 1,67%.

Brasil

No cenário doméstico, março foi fortemente influenciado pelo ambiente externo desafiador, em especial pelo choque nos preços do petróleo. Esse movimento elevou as expectativas de inflação e levou a uma reprecificação relevante da curva de juros doméstica, com impacto direto sobre os ativos locais.

No campo inflacionário, a alta das commodities energéticas elevou a preocupação com possíveis repasses para os preços domésticos, especialmente combustíveis. Esse movimento tende a pressionar não apenas a inflação corrente, mas também as expectativas à frente, dado

o efeito disseminado dos custos de energia sobre diferentes setores da economia.

Em resposta, o governo adotou medidas pontuais para conter os impactos no curto prazo, como a redução de tributos sobre combustíveis e a discussão de subsídios para suavizar reajustes de preços. No entanto, essas ações trazem riscos fiscais ao implicarem menor arrecadação e possível aumento de gastos, o que pode elevar a percepção de risco sobre as contas públicas e pressionar a curva de juros e o câmbio, com potenciais efeitos inflacionários no médio prazo.

Na política monetária, o Banco Central iniciou o ciclo de flexibilização com um corte de 0,25 p.p. na taxa Selic, levando-a para 14,75% ao ano. A decisão foi mais conservadora do que o esperado anteriormente, refletindo o ambiente de maior incerteza global e a necessidade de cautela diante dos riscos inflacionários. A comunicação do Copom indicou que o ritmo de cortes seguirá dependente da evolução do cenário, especialmente no que diz respeito ao ambiente externo e ao comportamento da inflação.

Apesar disso, a atividade econômica doméstica segue apresentando alguma resiliência no curto prazo. Dados recentes de mercado de trabalho continuam mostrando geração de empregos e níveis ainda baixos de desemprego (que tende a aumentar o consumo), podendo dificultar uma desaceleração mais consistente da inflação, especialmente no segmento de serviços.

Por outro lado, a dinâmica recente do consumo tem gerado atenção. Mesmo com o crescimento consistente da renda das famílias, o consumo segue mais fraco do que o esperado, tendo apresentado estagnação no final de 2025. Esse descompasso sugere que o aumento da renda não tem se traduzido integralmente em maior demanda. Parte dessa dinâmica pode ser explicada pelo maior comprometimento

da renda com o pagamento de dívidas, em um ambiente de juros elevados, além do nível de preços ainda pressionado, especialmente em itens essenciais.

Adicionalmente, o crescimento da renda tem sido mais concentrado no aumento dos salários de quem já está empregado, e menos na geração de novos postos de trabalho (fator que, em geral, tem menor impacto sobre a expansão do consumo). Dessa forma, o cenário levanta dúvidas sobre a força do consumo como principal motor da atividade econômica à frente, mesmo diante de um mercado de trabalho ainda resiliente.

Em relação aos mercados, o índice IRF-M registrou queda de 0,59% no mês, e agrega alta de 2,36% no ano. Por outro lado, o IMA-B negociou em alta de 0,17% no mês, apresentando valorização de 2,98% no ano. A NTN-B de 2035 encerrou o mês de março/2026 negociando à taxa de IPCA + 7,60%, registrando uma abertura de curva em relação ao mês de fevereiro/2026, quando negociava à taxa de IPCA + 7,34%.

Na bolsa, o Ibovespa encerrou março com leve queda, refletindo o aumento da aversão a risco e a abertura das curvas de juros. O desempenho, no entanto, foi parcialmente sustentado pelas empresas ligadas ao setor de petróleo, beneficiadas pela alta da commodity. Já os setores mais sensíveis à economia doméstica, como construção civil, varejo e consumo apresentaram desempenho mais fraco, pressionados pelo aumento do custo de capital.

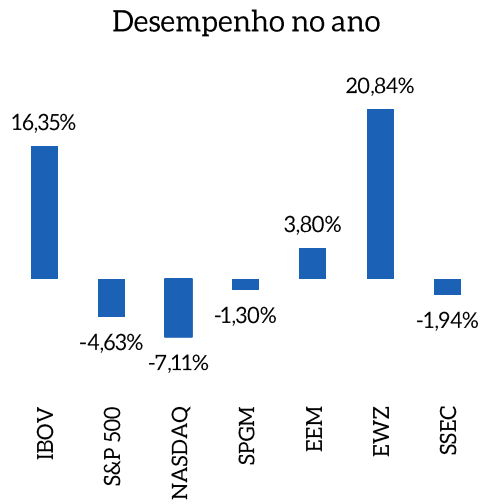
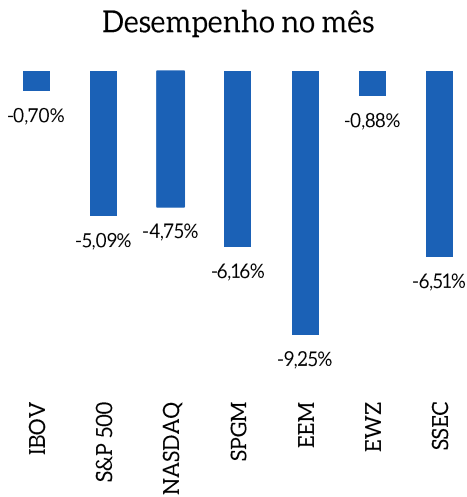
Dessa forma, o índice Ibovespa fechou o mês em queda de 0,70%, aos 187.461 pontos. No ano, a bolsa brasileira acumulou valorização de 16,35%.

Por fim, de acordo com a última pesquisa divulgada pelo BTG Pactual, o Ibovespa negocia a uma relação Preço/Lucro (P/L) de 10,0x.

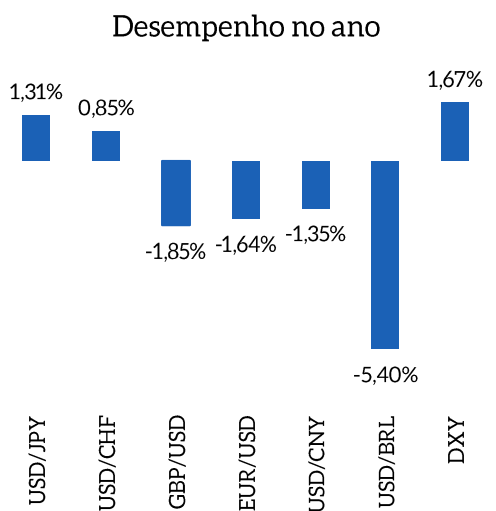
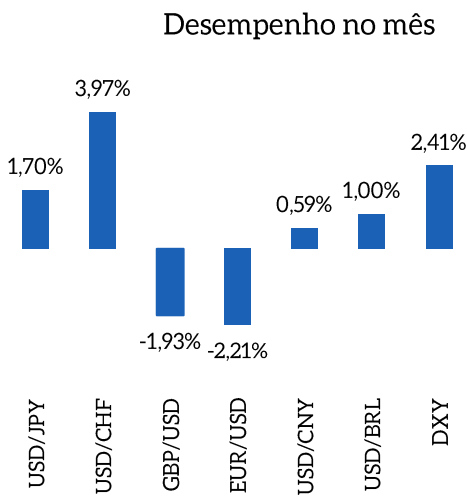
2

Mercados

Bolsa de Valores



Câmbio



- SPGM: SPDR Portfolio MSCI Global Stock Market

- EEM: iShares MSCI Emerging Markets ETF

- EWZ: iShares MSCI Brazil ETF

- SSEC: Shanghai Composite

- USD/JPY: Dólar/Iene

- USD/CHF: Dólar/Franco Suíço

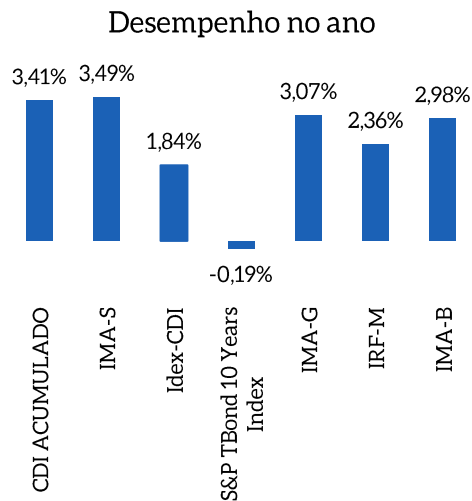
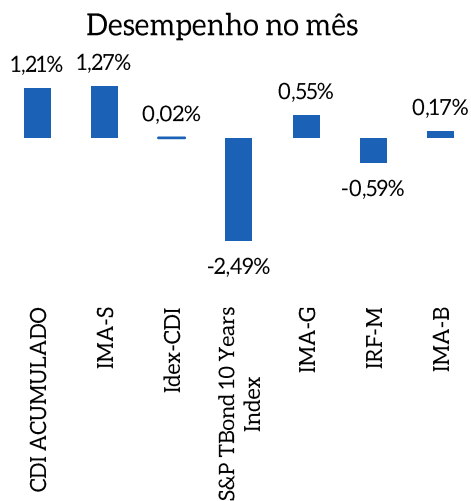
- GBP/USD: Libra Esterlina/Dólar

- EUR/USD: Euro/Dólar

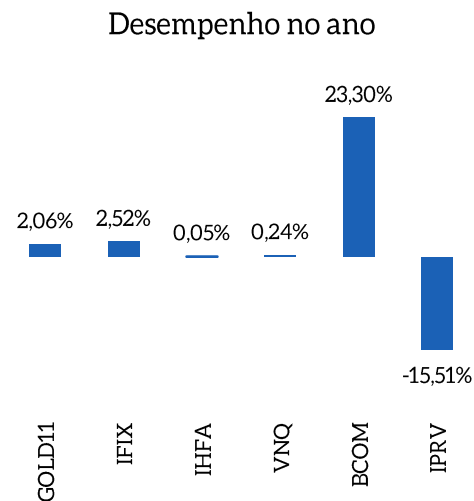
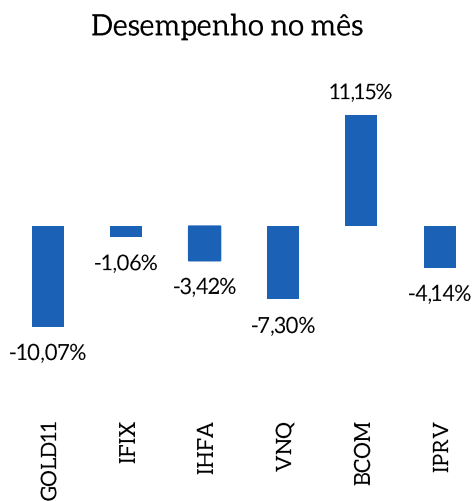
- USD/YUAN: Dólar/Yuan Chinês

- DXY: Índice Dólar

Renda Fixa



Alternativo



- IMA-S: Índice composto por LFTs

- IMA-G: Índice composto por títulos públicos, excluindo indexados ao IGP-M

- IRF-M: Índice de uma carteira com títulos préfixados

- IMA-B: Índice composto por NTN-B

- GOLD11: ETF que replica a variação do ouro em dólar

- IFIX: Índice de Fundos Imobiliários

- IHFA: Índice de Hedge Funds ANBIMA

- VNQ: Vanguard Real Estate Index Fund ETF Shares

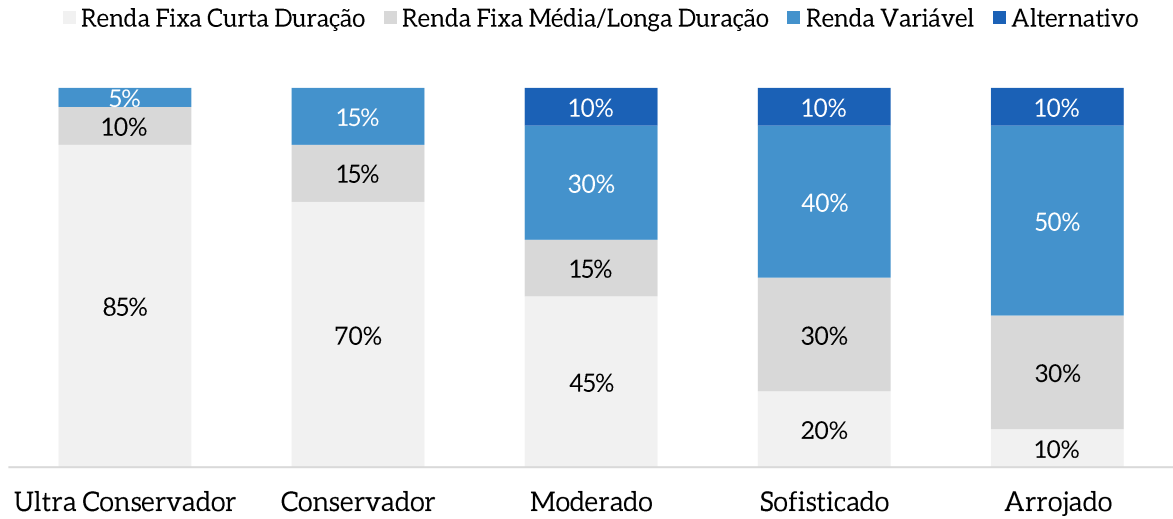
- BCOM: Bloomberg Commodity

- IPRV: iShares Listed Private Equity UCITS

3

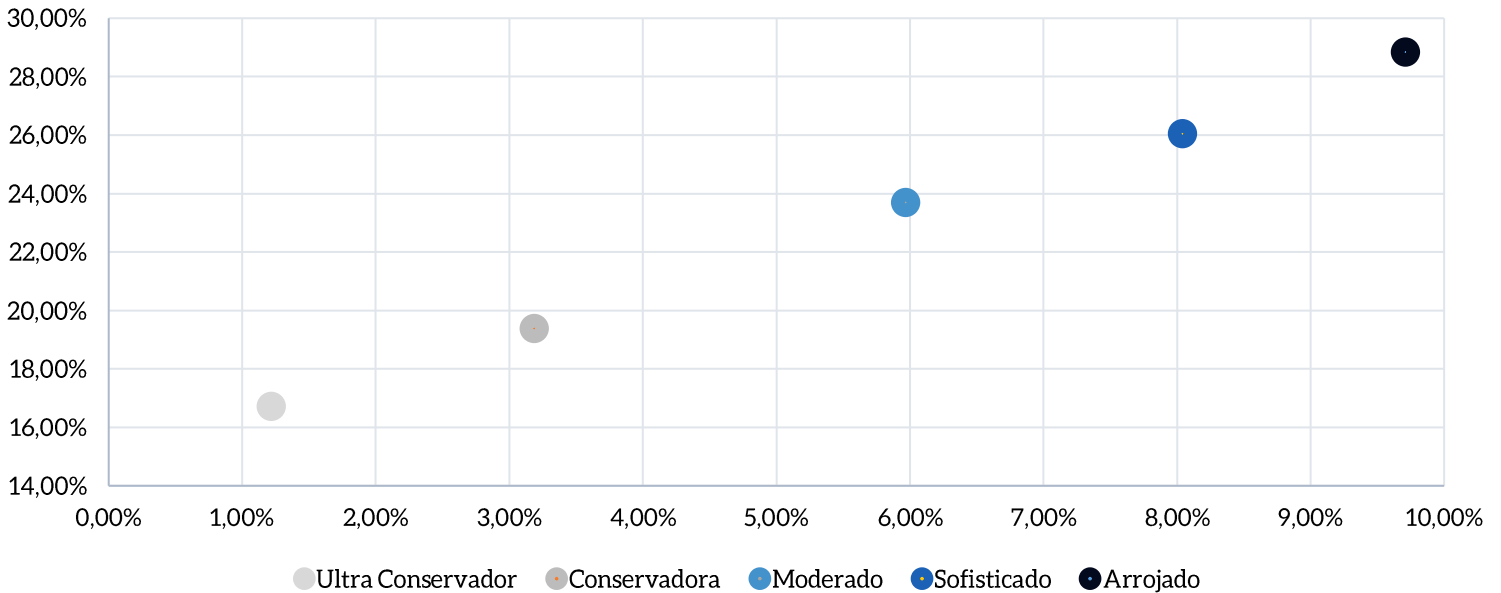
Estratégia

ALOCAÇÃO ESTRATÉGICA



Atribuição de Performance					
	Ultra Conservador	Conservador	Moderado	Sofisticado	Arrojado
Renda Variável	-0,18%	-0,53%	-1,05%	-1,40%	-1,75%
RF Curta Duração	1,08%	0,89%	0,57%	0,25%	0,13%
RF Média/Longa Duração	-0,06%	-0,09%	-0,09%	-0,17%	-0,17%
Alternativo	0,00%	0,00%	-0,11%	-0,11%	-0,11%
Total	0,85%	0,28%	-0,67%	-1,42%	-1,90%

RELAÇÃO RISCO VS RETORNO (12M)

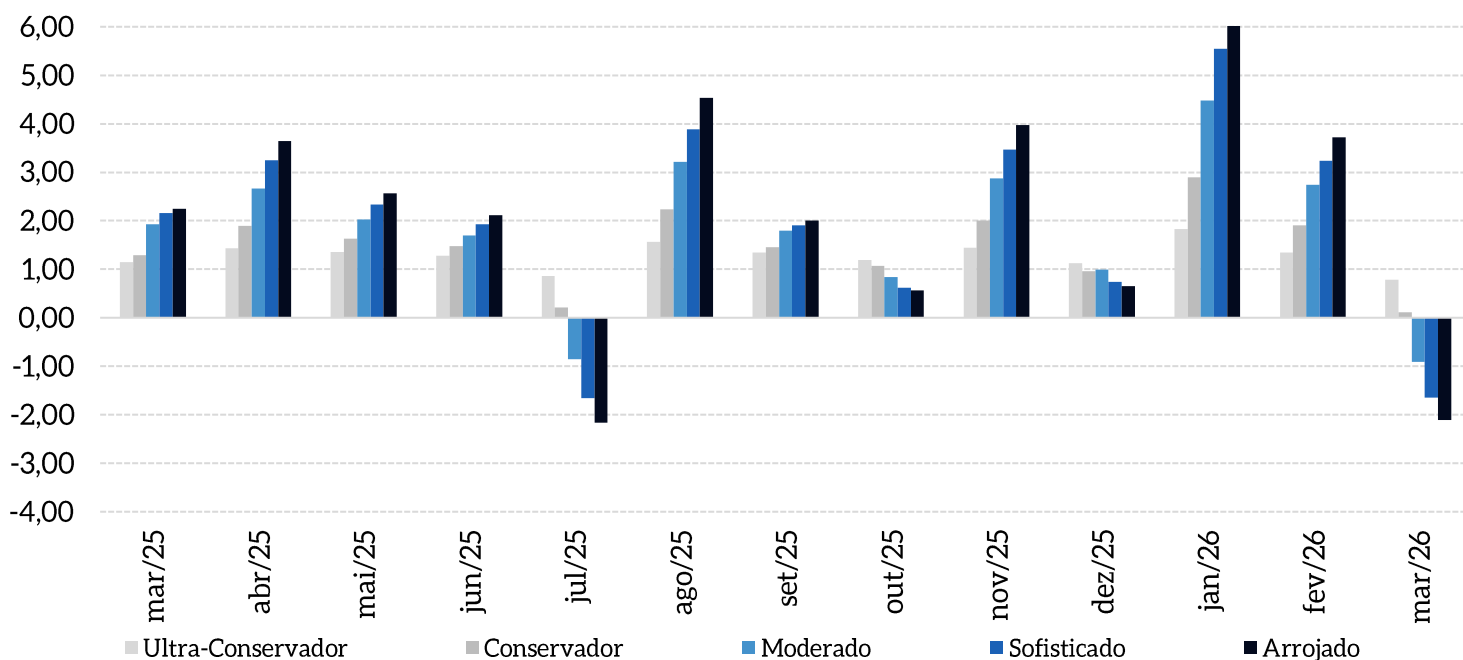


ESTATÍSTICA

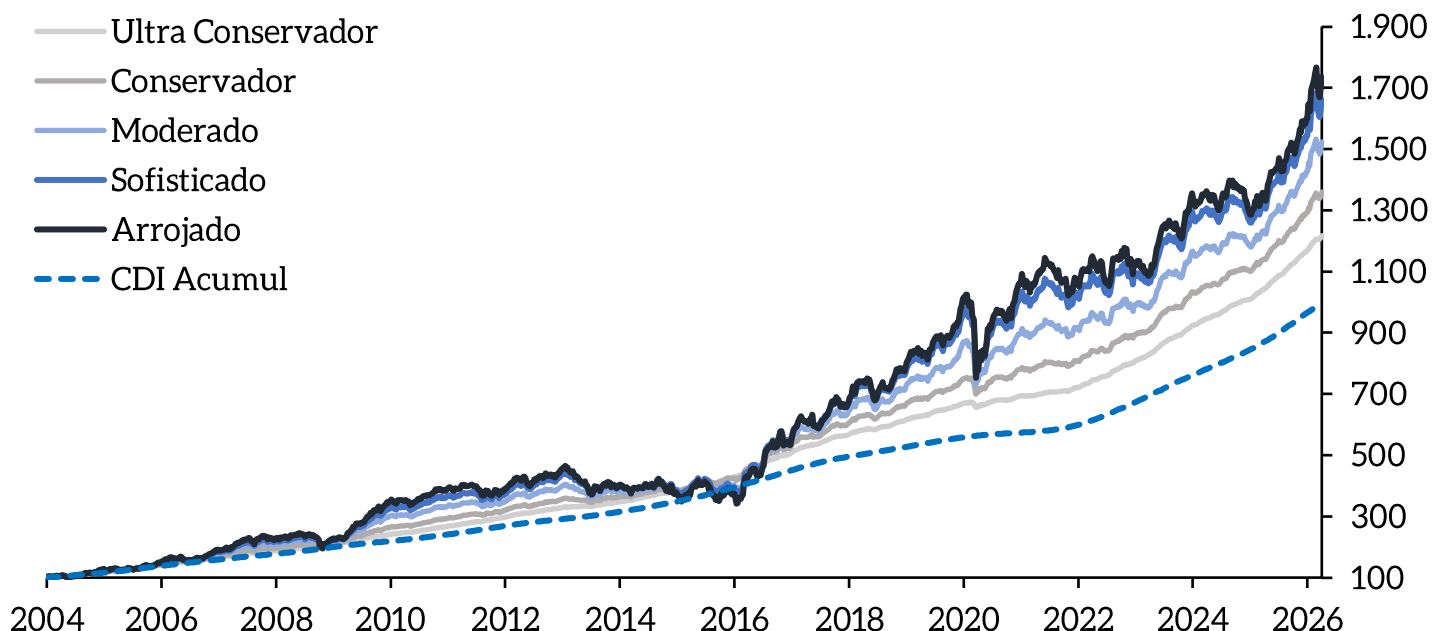
	Retorno Médio Anual*	Retorno No Mês	Retorno No Ano	Retorno 12 meses	Retorno 24 meses	Retorno 36 meses	Retorno 60 meses
Ultra Conservador	9,21%	0,78%	4,01%	16,70%	28,47%	46,62%	74,80%
Conservador	9,99%	0,11%	4,99%	19,37%	28,74%	49,47%	73,30%
Moderado	11,09%	-0,91%	6,37%	23,69%	28,27%	53,93%	68,49%
Sofisticado	11,88%	-1,65%	7,18%	26,04%	26,60%	54,84%	63,06%
Arrojado	12,64%	-2,11%	8,12%	28,83%	27,03%	57,91%	62,33%
CDI	8,36%	1,21%	3,41%	14,79%	27,73%	43,51%	73,06%
IBOVESPA	13,17%	-0,70%	16,35%	43,91%	46,33%	84,00%	60,73%

	Qtd Retornos >0 (anual)	Qtd Retornos <0 (anual)	Maior Retorno Anual	Menor Retorno Anual	Maior Retorno Mensal	Menor Retorno Mensal	Volatilidade 12 meses
Ultra Conservador	22	0	19,14%	3,12%	2,60%	-1,56%	1,22%
Conservador	22	0	24,58%	2,09%	5,09%	-4,43%	3,19%
Moderado	21	1	38,53%	-4,36%	9,51%	-9,97%	5,97%
Sofisticado	19	3	48,41%	-9,31%	12,24%	-13,73%	8,04%
Arrojado	16	6	57,01%	-12,20%	14,71%	-16,52%	9,71%

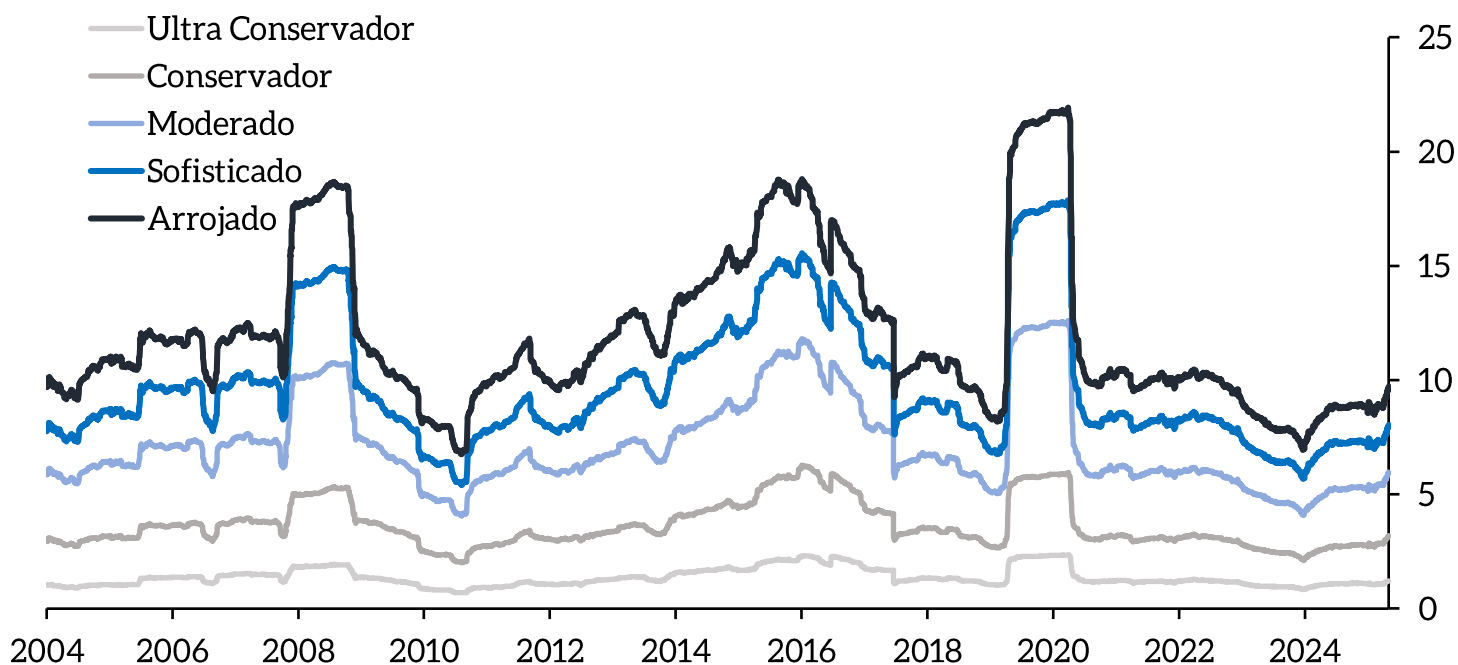
RETORNO MENSAL



DESEMPENHO ACUMULADO



VOLATILIDADE ANUAL



Disclaimer: As informações acima se referem a uma SIMULAÇÃO DE CARTEIRA DE INVESTIMENTOS e não traduzem ou refletem a posição do investidor com a Finacap Investimentos LTDA. (CNPJ 01.294.929/0001-33). Este relatório tem propósito informativo, o material não deve ser entendido como análise, material promocional, solicitação de compra ou venda, oferta ou recomendação de qualquer ativo financeiro ou investimento, sugestão de alocação ou adoção de estratégias por parte dos destinatários. Este material não deve ser considerado uma oferta para compra de cotas dos fundos. As informações referem-se às datas mencionadas. Os investidores devem buscar aconselhamento profissional com relação aos aspectos tributários, regulatório se outros que sejam relevantes à sua condição específica, sendo que o presente material não foi elaborado com esta finalidade. A Finacap Investimentos LTDA. não se responsabiliza por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base nas informações divulgadas. Leia o prospecto e o regulamento antes de investir. Fundos de investimento, renda variável e alguns produtos de renda fixa não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos - FGC. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos (se aplicável) e taxa de saída (se aplicável). Muito importante a adequada compreensão da natureza, forma de rentabilidade e riscos dos produtos antes da sua aquisição. Os investidores devem obter orientação financeira independente, com base em suas características pessoais, antes de tomar uma decisão de investimento. A rentabilidade de instrumentos financeiros e produtos pode apresentar variações e seu preço ou valor pode aumentar ou diminuir. A Finacap Investimentos se exime de qualquer responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que venham a decorrer da utilização das informações veiculadas ou de seu conteúdo. É terminantemente proibida a utilização, acesso, cópia ou divulgação não autorizada das informações aqui veiculadas. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade de instrumentos financeiros e produtos pode apresentar variações e seu preço ou valor pode aumentar ou diminuir. *Retorno médio anual considera data de início como 01/01/2016.